日本一

桃太郎
菱川春宣

LENDAS E CONTOS DE FADAS JAPONESES

FICÇÃO · CONTOS

ÍNDICE

11 **MOMOTARO** (桃太郎)
A HISTÓRIA DO FILHO DO PÊSSEGO

39 **URASHIMA TARO** (浦島太郎)
A HISTÓRIA DE URASHIMA TARO, O RAPAZ PESCADOR

69 **TAKETORI MONOGATARI** (竹取物語)
O CORTADOR DE BAMBU E A CRIANÇA DA LUA

103 **ISSUN-BOSHI** (寸法師)
O PEQUENO POLEGAR

111 **SHITA-KIRI SUZUME** (舌切雀)
O PARDAL COM A LÍNGUA CORTADA

135 **HANASAKA JIISAN** (花咲か爺さん)
O VELHO QUE FAZIA AS ÁRVORES FLORESCEREM

桃太郎

MOMOTARO
A HISTÓRIA DO FILHO DO PÊSSEGO

Há muito, muito tempo, havia um casal de idosos camponeses que trabalhava arduamente para ganhar o arroz de cada dia. O homem costumava ir cortar mato para os agricultores da região e, enquanto estava fora, a mulher, sua esposa, dedicava-se às lides domésticas e ao cultivo do seu pequeno campo de arroz.

Num dia igual a tantos outros, o homem foi para as colinas cortar mato e a mulher foi para o rio lavar alguma roupa.

Era quase Verão e os dois idosos, enquanto seguiam para o trabalho, olhavam para os campos que, num refrescante tom verde, lhes pareciam muito bonitos. A relva nas margens do rio parecia veludo esmeralda e os salgueiros à beira da água agitavam as suas suaves franjas.

A brisa soprava, agitando a superfície lisa da água e formando pequenas ondas. Ao passar, tocava as maçãs do rosto do casal de idosos que, por alguma razão que não conseguiam explicar, naquela manhã se sentiam muito felizes.

pág. ant.: Autor desconhecido. *Momotaro* (ilustração de livro). Tóquio: Kōbunsha, 1885

A mulher acabou por encontrar um bom lugar à beira do rio e pousou a sua cesta. Começou então a lavar a roupa. Uma a uma, tirou-as da cesta, mergulhou-as no rio e esfregou-as nas pedras. A água, límpida como cristal, permitia-lhe ver os peixinhos a nadar de um lado para o outro e as pedrinhas no fundo.

Enquanto lavava a sua roupa, apareceu aos trambolhões pelo rio abaixo um pêssego gigante. A mulher levantou os olhos do que fazia e deparou-se com aquele enorme pêssego. Em sessenta anos de vida, nunca vira um pêssego tão grande como aquele.

«Este pêssego deve ser mesmo delicioso!», disse para si mesma. «Tenho de o apanhar e de o levar para casa para o meu velhote.»

Para tentar chegar-lhe, esticou o braço, mas o pêssego estava fora do seu alcance. Então, olhou em redor à procura de um pau, mas não viu nenhum, mas teve receio de perder o pêssego caso fosse à procura de um.

Parou um momento para pensar e eis senão quando se lembrou de um antigo verso encantado. Então, ao ritmo a que o pêssego girava rio abaixo, começou a bater palmas e a entoar esta canção: